

## QUE HISTÓRIA É ESSA?

EDILBERTO FLORENCIO DOS SANTOS<sup>1</sup>  
IGOR ALVES MOREIRA<sup>2</sup>

**E**m Outubro de 2009, fui convidado a participar de um projeto elaborado por alguns alunos do 8.º período do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, em Sobral-Ceará; o qual eu estava, naquele momento, ministrando a disciplina de Estágio Supervisionado IV: Ensino e Pesquisa em História. O projeto intitulava-se “*Que História é essa?*”. Foi pensado, escrito por esse punhado de alunos. Aceitei o convite. Revisei o texto do projeto, fortalecendo a discussão teórica e as metodologias. Fizemos muitas reuniões, a partir de então, para reestudar o projeto, verificar mudanças substanciais no texto e, finalmente, pô-lo em prática.

Mas, em que consistia o referido projeto?

Sua finalidade era levantar questões a cerca da visão que o público escolar e o público da rua – que aqui vamos chamar de público leigo - tem hoje da História e do Historiador. Essa inquietação nossa, surgiu dos debates ocorridos dentro e fora das salas de aula, por parte dos alunos do curso de história da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, sobre o ofício da História e do Historiador, na relação deste com o meio social. Desta forma as questões levantadas no projeto, não seriam dirigidas apenas a historiadores, nem restrita apenas ao âmbito universitário. O propósito da pesquisa foi colher resposta de diferentes sujeitos, de diferentes segmentos, no intuito de montar um painel amplo caleidoscópico, do ofício do historiador hoje, por meio da diversidade de opiniões.

Assim, questões como: O que é história? Qual sua função? Para que serve a história? Qual a função/importância do historiador na sociedade contemporânea? *O que leva um jovem*

---

<sup>1</sup> Licenciado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Professor Substituto do Curso de História da referida universidade. (edilbertodd@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Professor Substituto do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Bolsista CAPES (Coordenador de Área do PIBID HISTÓRIA – UVA). (igoralmoreira@yahoo.com.br)

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

*a optar por uma formação em história?*<sup>3</sup> ; pautaram as reflexões e o fazer do presente projeto.

Na execução do projeto, filmamos entrevistas nos locais que representam estes mesmos sujeitos – alunos e o público leigo. Portanto, as filmagens ocorreram nas escolas

---

<sup>3</sup> Essa pergunta foi a mais enfatizada por nós, no momento das entrevistas com alunos da Educação Básica das escolas privadas e públicas de Sobral-CE. As respostas foram variadas.

públicas e privadas de Sobral-CE, bem como em locais públicos com praças, becos, pequenos estabelecimentos comerciais, entre outros. Nas escolas nosso público foram professores e alunos. Na rua, entrevistamos moradores de diferentes comunidades, moradores de rua (adultos e crianças), vendedores do mercado público de Sobral-CE, canoieiros que tecem suas vidas Às margens do Rio Acaraú, em sua travessia diária das pessoas e dos fatos do e o rio. Lembramos que algumas fotografias também foram produtos dessa experiência e algumas delas aparecerão aqui nesse texto.

Portanto, nosso objetivo mais abrangente foi Identificar e analisar quais as visões e concepções que existem na sociedade contemporânea a respeito da História, por meio dos vários agentes sociais componentes desta sociedade e, a partir dessas histórias “espalhadas na cabeça do povo”, refletir sobre o papel (o fazer) do historiador na relação presente-passado. Como objetivos mais pontuais tínhamos a preocupação de fomentar os debates a cerca do ofício do Historiador e da História, tanto no âmbito acadêmico, como ensino de História da Educação Básica, e no âmbito social como um todo. Procurando evidenciar o debate a cerca da importância da história (ensino e pesquisa) em nossa sociedade e subsidiar a formação de Grupos de estudo e pesquisa, que trabalhem com as temáticas concernentes a oralidade, memória e ensino de história.

Foi uma experiência gratificante, com uma singularidade singela e espinhosa, ao mesmo tempo. Essa experiência é que queremos contar aqui.

É senso comum a afirmativa da presença da História em nossas vidas e no nosso cotidiano, não tão recorrente, contudo também é presente o discurso sobre a “importância” da história; de se conhecer a história de sua família, de sua cidade, do país, ou manter-se informado dos últimos acontecimentos da história mundial. Enfim, mesmo que descaracterizada ou isenta de reflexão, a História, e seu ensino, são parte integrante das questões do homem contemporâneo e da sociedade, dita, do conhecimento.

Assim, dentro do âmbito acadêmico, a História ganha novos contornos e desdobramentos, abarcando novos horizontes e possibilidades, ampliando a visão daquele que se dedicam a sua reflexão e estudo. E é evidente a discrepância que há entre a História que aprendemos nos bancos escolares da Educação Básica, e aquela com a qual trabalhamos no Ensino Superior. Este conflito é sentido pelo aluno recém formado no curso de História quando assume a responsabilidade de uma sala de aula na Educação Básica e também essa inquietação não deixa de ser problematizada e debatida no decorrer de nossa graduação.

Afinal para que serve a história? Mas que história? A história que vemos na universidade, de cunho acadêmico, problematizadora e presente no fazer-se cotidiano; ou a história vista nas nossas escolas da Educação Básica, tão cheia de fatos e datas distante da realidade do aluno?

São estas inquietações, gestadas nos debates em sala de aula, mas que deságuam nas conversas extra-sala, que rompem com os muros da instituição de ensino e fomentaram e fomentam nossa ida Às escolas e às ruas no intuito de desaprender para reaprender a construir novos caminhos metodológicos para o ensino de História. Num exercício de se ver pelo olhar do outro, de buscar reconhecer sua imagem no exterior, mesmo que esta nos chegue invertida como em um espelho.

Portanto, *Narrativas orais, Memória e Ensino de História* foram os três itens que movimentaram esse exercício de entender o outro... lá fora, nas salas de aula e nas ruas.

Como a História é compreendida no cotidiano das pessoas que constroem as diversas configurações sociais? Como essas pessoas narram suas histórias? Eles e elas se (im) põem, se entendem como parte das histórias aprendidas na escola? Ou separam a História dos livros didáticos, a que sai da boca dos professores, da TV, do Rádio, dentre outros meios de comunicação, de suas próprias histórias – forjadas na luta pela sobrevivência cotidiana?

São provocações pertinentes. São *sapatos que incomodam*, pois nos tornaremos professores de História e atuaremos em espaços e momentos educacionais – convencionais ou não – que se (re) fazem a partir de vários ingredientes, dentre ele, e o mais importante, as histórias de cada um que compõem esses espaços.

Mas, afinal, *Que História é essa?!*

É isso que quisemos, através da sensibilidade de ouvir e a tentativa de compreender a palavra do outro, com esse projeto. Submetemos-nos, temporariamente, à vida, às histórias, às palavras e aos silêncios do outro para percebermos sua concepção de História para, num movimento duplo, compreender nossa função enquanto profissionais cuja matéria prima é a relação presente e passado.

Com essa atividade que fizemos, com essa ação sensível, acreditamos que é preciso formar sujeitos ativos; contribuir na formação de pessoas que agem, portanto, comprometidas com o desenvolvimento pessoal, profissional e com o desenvolvimento social do seu lugar, do seu chão, mesmo em meio a conflitos e acordos. Pessoas críticas e envolvidas no engajamento social e na busca de questionamentos bem como possíveis soluções dentro das circunstâncias e conjunturas inseridas nas diversas comunidades.

### *Com a palavra... os alunos*

Em relação às escolas as quais executamos o projeto, entendemos, na ocasião, que era viável ouvir professores, alunos e, em alguns casos, o Coordenador Pedagógico.

Entendemos, também, que era necessário ir às escolas da rede pública – municipal e/ou estadual – e à algumas escolas da rede privada. Tínhamos a intenção de confrontar as respostas desses dois públicos diferentes.

As escolas as quais nos (re) aproximamos foram: Colégio Raul Monte de Ensino Fundamental e Educação Infantil; Escola Padre Osvaldo Carneiro Chaves de Ensino Fundamental e Educação Infantil (ambas, da Rede Municipal de Ensino); Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota; Escola de Ensino Médio Sinhá Sabóia (ambas, da Rede Estadual de Ensino); Colégio Sant’Ana, Colégio Farias Brito e Colégio Santo Antônio (todos da Rede Privada de Ensino). Além das entrevistas, fotografamos os espaços das escolas e, em especial das salas de aulas, em especial, os cartazes nas paredes das referidas salas que expunham algumas atividades ligadas à disciplina de História – procurando refletir sobre o processo de feitura de tais cartazes e imagens e perceber que História é essa que estamos ensinando.

No Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, por exemplo, estava fixado o cartaz abaixo:



O desenho de Dom Pedro I em um cavalo, a frase “grito do Ipiranga” e, o mais interessante de se refletir, os textos do cartaz ainda nos remontam a uma História de heróis, linear, pontual e desprovida de inquietação. Uma história, portanto também, um ensino de História que homogeneíza as interpretações, canalizando-as para uma só explicação para o passado. Nesse sentido, para os alunos, a História ensinada fica desprovida de sabor.

Na mesma escola, há um busto de Dom José Tupinambá da Frota, o qual foi primeiro Bispo de Sobral, falecido em Setembro de 1959. Depois da morte do Bispo, muitas ruas, avenidas, estabelecimentos comerciais e escolas foram “batizadas” e/ou rebatizadas com seu nome. Quando ocorre esse processo da História “aprisionar” a memória, fazem-se necessárias constantes ritualizações desses vultos e/ou ícones. Na referida escola há, no pátio externo um busto de Dom José e nas salas de aula há um cartaz evidenciando o que seriam as “bem aventuranças” do mesmo.



Analisando o cartaz acima, presente nas salas de aula da referida escola, o bispo morto não se foi, está em toda parte, inclusive no recreio dos alunos da escola: “conversando, aconselhando e edificando”. Um herói. Um imaculado – assim como Dom Pedro II, no cartaz

anterior. Portanto, um passado (res) guardado, vigiado e socializado. Um passado que não se pode questionar nas salas de aula, que não se pode “assanhar” sua memória. Portanto, um homem nutrido na escola, com bustos, nomenclaturas, cartazes e na fala de alguns alunos e professores, através de um instrumento pedagógico poderoso: o Ensino de História.

*Contraditoriamente*, ao ouvirmos um punhado de alunos deste estabelecimento de ensino, percebemos posicionamentos diferenciados em relação a esses passados oferecidos na escola – por meio do ensino de História e da cotidiana ritualização da memória desses vultos. Por exemplo, a aluna F. B. A.

*[Em História] tudo é muito bonito. Tudo é muito maravilhoso. A gente cresce, assim, imaginando toda coisa maravilhosa da História. Aí quando a gente chega no Ensino Médio os professores começam a pensar. Aí o que, muita coisa que a gente já aprendeu a gente começa a desaprender e aprender de novo. Aí, assim, muita gente de decepçiona em história por causa disso. E eu sou uma dessas. Me decepçionei muito por causa disso. Eu amava história.*<sup>4</sup>

É preciso ter cautela ao ler esse trecho da entrevista. Vejamos: por um lado, há cartazes e bustos enaltecendo as grandes figuras da História – o caso de Dom Pedro II e do Bispo Dom José Tupinambá da Frota. Por outro lado, a aluna afirma ter se decepçionado com a História porque “desaprendeu” tudo o que aprendeu no Ensino Fundamental. A contradição entre a fala da aluna e o espaço físico da escola – que também é um discurso – é o que dar o sabor de nossa reflexão. Ora, são discursos em conflito, com direcionamento opostos. O discurso dos cartazes e bustos em conflito com os discursos de alguns dos professores de História da escola; os quais nós entendemos que problematizam a história posta, dada; uma vez que, nas palavras da aluna, quando ela chegou ao Ensino Médio, houve um processo de desconstrução das narrativas históricas que ela carregara, até então, do Ensino Fundamental.

No Colégio Raul Monte de Ensino Fundamental e Educação Infantil, da rede municipal de ensino, nos deixou muito felizes as palavras do aluno R.E.S, do 7.º Ano “B” (antiga 6.ª Série) do Ensino Fundamental, 12 anos de idade. Respondendo às nossas perguntas sobre gostar ou não das aulas de História, ele respondeu:

*História. Eu gosto, assim, de história porque as pessoas vai conhecendo as origens das coisas. A gente entende mais sobre o passado. A origem, os costumes. Fala mais sobre o passado do meu país, de outros países. De pessoas. Porque tem pessoas que agente escuta tanto nome e não conhece. Aí, com o estudo da história, é*

---

<sup>4</sup> Aluna do 2.º Ano “C” do Ensino Médio do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota. Entrevista feita em Outubro de 2009, na referida escola. Atendendo ao pedido da aluna, utilizamos somente as iniciais do seu nome. Neste texto, sempre que precisarmos nos referimos aos alunos entrevistados e/ou citarmos parte das suas falas, utilizaremos apenas as iniciais.

*possível, a gente vai recordando. Você se lembra do nome que viu. E, também, eu acho que história é um estudo que, do passado, que servem mais no presente do que muitas coisas que aparecem que falam sobre o futuro. História nos ensinam muitas coisas do nosso conhecimento. É uma das minhas matérias favoritas.*<sup>5</sup>

Em um determinado momento, perguntamos aos alunos o que eles lembram quando ouvem a palavra história. O mesmo aluno, de uma forma que nos nutriu – mesmo sem saber disso – disse: “Eu lembro de preto e branco. Porque é bem antiga, a televisão. Lembro de imagem, de algo antigo. Quanto mais você ler, mais aprende. História é uma moeda. Sempre tem os dois lados”.<sup>6</sup>

Esse aluno nos deixou revigorados. Pois, suas respostas refletem, mesmo apesar da pouca idade, o início de um exercício de reflexão, de abstração e, ao mesmo tempo, de aplicação dessa nova/atual compreensão de história. Entendemos que isso é fruto de aulas de história que primam pela reflexão das narrativas sobre o passado. Entendemos que essa postura é fruto, também, do trabalho de um bom professor e/ou professora de História.

Então, diante dessas narrativas orais capturadas das pessoas-foco desse projeto, nós historiadores/professores de história interferimos analisando-as e (re) elaborando novos sentidos, novas interpretações. Como terceiro passo, repassamos essas novas interpretações/sentidos no ensino de História. São os três passos da (re) criação: a pesquisa de campo, a documentação (escrita) e a publicação (socialização nos variados campos e momentos educacionais).

Elza Nadai nos alerta ter sido, no passado, a História uma disciplina formadora e forjadora de uma identidade nacional comum, com os heróis e vilões postos em pólos bem divididos, como uma luta permanente nos campos de batalhas, literalmente, e no campo das letras. O espaço escolar reforçava [*e ainda reforça?*] essa dicotomia e essa luta de contrários para a configuração de uma história (e uma memória) oficial para a nação brasileira. As memórias dos grupos sociais, de classes e etnias dominadas não encontravam “ninho” e “repouso” nessas narrativas.

Entretanto,

Internamente, a produção historiográfica foi se renovando e se revisando, na tentativa de encontrar novas abordagens, novos rumos e novos problemas, portanto novos espaços de investigação. Temas até então não privilegiados pela historiografia tornaram-se objetos de reflexão dos profissionais da história, o que enriqueceu o seu campo; o mesmo ocorreu com a metodologia até então influenciada pela objetividade positivista, que passou a receber influências benéficas das demais ciências sociais, imprimindo mudanças substantivas na compreensão do que seja a

<sup>5</sup> R.E.S. Aluno do 7.º Ano “B”, do Ensino Fundamental II, da Escola Raul Monte de Ensino Fundamental e Educação Infantil. Em Sobral-CE. Entrevista realizada em Outubro de 2009, na biblioteca da referida escola.

<sup>6</sup> Idem.

história. O historiador, até então sujeito separado e independente do objeto de estudo, descobriu que também constrói o seu objeto de investigação, superando a idéia tradicional e ingênua de que os 'fatos falam por si sós'. (NADAI, 2004,: 23-29)

Portanto, num mesmo espaço escolar convivem discursos homogeneizantes sobre o passado e, concomitantemente, explicações problematizadoras sobre esses passados – agora recompostos de outras formas.

Mas, o que dizer sobre os que estão nas ruas, nas praças, no mercado público, tecendo suas vidas entre o passado e o presente? O que eles pensam sobre História? O que eles falam sobre isso? Esse é nosso próximo ponto da prosa.

### *A palavra das (outras) pessoas*

Para início de conversa, é preciso lembrar aqui o que nos ensina Alessandro Portelli. O autor Alessandro Portelli afirma que, no ato de lembrar, do entrevistado, as representações sobre esse passado que o entrevistado faz, no presente, passam a ser o fato propriamente dito. Os fatos são, assim, reconhecidos pelo entrevistado e organizados de acordo com as representações que ele (ou ela) faz sobre os mesmos. Tanto os fatos como as representações que são feitas sobre eles convergem na subjetividade do entrevistado e são, ambos, envoltos da linguagem. As narrativas dos entrevistados quase sempre se transformam em mitos para aqueles (e aquelas) que estão partilhando suas palavras, suas memórias.

Então,

Um mito não é necessariamente uma história falsa ou inventada; é isso, uma história que se torna significativa na medida em que amplia o significado de um acontecimento individual (factual ou não), transformando-o na formalização simbólica e narrativa das auto-representações partilhadas por uma cultura. (PORTELLI, 1998:103-130)

Podemos entender então que as histórias espalhada na cabeça e no coração das pessoas são o seu bem precioso, são fragmentos de sua identidade juntadas no ato de narrar, no ato de contar. Para elas e eles o ato de contar as histórias de vida reconfiguram e realimentam sua identidade. É mais importante narrar do que explicar. Quem tem a pretensão de explicar somos nós, historiadores/professores de história, que nos propomos a escutá-las e interpretá-las.

Tentamos entender, com as entrevistas com algumas pessoas nas ruas, praças e becos de Sobral-CE, como histórias chegaram às suas cabeças e saber se elas gostam o não dessas histórias e da HISTÓRIA. Senhor Jorge, dono de uma banca de jornal no Beco do Cotovelo <sup>7</sup>; chaveiros, relojoeiros, vendedores ambulantes, pintores de quadros, os chamados “hipes”, entre outros, são os transeuntes do beco.

Por exemplo, o Senhor Eli Félix Rocha, de 88 anos<sup>8</sup>, chegou no Beco do Cotovelo em 1942, no dia 20 de Novembro. Começou a falar do beco, dizendo que era um local ruim em Sobral, onde mulher não passava – por ser sujo, com mal cheiro e ruim, como ressaltou. Ao ser perguntado se gosta de História. O mesmo disse que é muito bom. Porém, é bom para ouvir, e não, para falar. Disse que não gosta muito de saber da vida dos outros. Ao mesmo tempo, na mesma entrevista, disse que acha importante contar coisas da cidade, do beco, para outras pessoas. Começou a falar sobre as reformas do Beco do Cotovelo – os quais foram muitas – e critica o prefeito pois não acreditou no preço dito pela prefeitura para a reforma. <sup>9</sup>

É nessa atmosfera que a Historiadora Kênia Sousa Rios discorre suas leituras sobre a História Oral (e conseqüentemente as entrevistas) no campo atual da historiografia. Para ela, as histórias de vidas são narradas em forma de tramas, de enredos. Elas envolvem o ouvinte nessa teatralidade. Para alguns depoentes o ato de falar encontra ritmos de contos populares, com astúcias da vida cotidiana. Há uma troca interminável entre ficção e história, não dando margem para saber onde começa uma e termina a outra. O alpendre, a casa, a calçada, a hora das refeições, na sala, nos quartos, todos são lugares em que os contos aparecem nas narrativas. As narrativas de vida se assemelham aos contos. A temática central é a peleja do rico contra o pobre, os amores, as decepções amorosas, a luta diária pela sobrevivência, as comparações, entre outros temas.

Portanto,

A peleja entre o oral e o escrito se urde de múltiplas formas. O conto narra também a vida cotidiana, e as histórias de vida relatam casos daqueles que

---

<sup>7</sup> O Beco do Cotovelo, em Sobral-CE, tem esse nome por conta da sua disposição geográfica. Visto de cima, forma um contorno semelhante a parte de nosso corpo denominada de cotovelo. Mas, sua importância social e política é que foi registrada e socializadas em livros, jornais e revistas. Por ser um espaço de encontro de políticos locais e nacionais, de lançamentos de livros, de manifestações culturais, entre outras atividades. É local, também, de focos e disse me disse, de trocas comerciais e de divulgação dos feitos da Prefeitura Municipal de Sobral. Sobre isso, ler *“Sobral, Opulência e Tradição”*, autoria de Nilson Almino de Freitas; Professor Efetivo do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

<sup>8</sup> Senhor Eli Félix Rocha, de 88 anos de idade. Aposentado e dono de uma banca que concerta relógios. Entrevista realizada no Beco do Cotovelo em Sobral-CE, em Outubro de 2009.

<sup>9</sup> Muitas reformas foram feitas no Beco do Cotovelo. A mais recente, segundo os dados da Prefeitura Municipal de Sobral, consumiu três milhões de reais. Ao terminar a reforma, muitos dos seus frequentadores ficaram sem entender onde foi posto essa quantia, pois, aos seus olhos, pouca coisa mudou.

enfrentam os ‘poderosos’ com um saber criado no repente da vida. (...) a oralidade reserva uma intimidade com a memória, que não é como um gravador ou um receptáculo de informações, por isso não existe a preocupação em memorializar tudo do jeitinho que foi visto ou escutado. As histórias contadas ganham força na medida em que são reinventadas pela intensidade do vivido. Jamais serão precisamente do mesmo jeito. (RIOS, 2008: 185-199)

É nessa trama do falado e do vivido que se as múltiplas formas de se (re) contar o passado e sentir como as histórias (re) constroem as afetividades cotidianas.

O Senhor J.A.T., de 85 anos de idade, vendedor ambulante, ao ser perguntado se gosta de História, foi direto e enfático: “Eu gosto de História, mas não me formaria em história porque não ganha dinheiro. Só serve para falar mentira dos outros. Tem cada historiador aí que é sem vergoem, mentiroso. Mente tanto que se torna uma pantera”.<sup>10</sup> Na seqüência, ele afirma que o “homem digno” da cidade foi Antônio Rodrigues Magalhães, o “fundador de Sobral”. Mas, que hoje, não homem digno na política local.<sup>11</sup>

Jacy Alves de Seixas (2002:43-63) traz reflexões pertinentes à nossa proposta. A autora afirma que os tempos e os movimentos da memória (presente, passado e futuro) devem ser repensados e re-estruturados num caráter de descontinuidade e rupturas, e não mais compreendidas como lineares. É preciso refletir sobre os usos indiscriminados do passado no presente. Pois, a memória não é linear, não é cronológica, tampouco estática. A memória abarca o esquecimento. Este, juntamente com a memória, está em todo lugar. A memória é projetiva. Lança questões e/ou aberturas para o futuro. Possui elasticidade e tensão. São suas principais características. Ela, a memória, não se possui. Ela se percorre. Ela não “amarra” os tempos (presente, passado e futuro) dentro de uma evolução e de uma linearidade. Ela prima pela descontinuidade. Ela guarda apenas o instante. É involuntária. Funde todos os passados. Funde todos os presentes. Não conserva. Quem faz isso é a História.

Conversar com pessoas, dentro da intenção cá proposta, pressupõe ouvir narrativas sobre o passado. Narrativas sobre vários aspectos da vida alheia, não somente sobre o que ele

<sup>10</sup> Senhor J.A.T., de 85 anos de idade, vendedor ambulante. Utilizamos as iniciais a pedido do entrevistado. Entrevista realizada no Beco do Cotovelo, em Sobral-CE, em Outubro de 2009.

<sup>11</sup> Conforme a Historiografia local, Sobral-CE nasceu da fazenda Caiçara, sesmaria gerenciada por Antônio Rodrigues Magalhães. No Período Colonial, a política de ocupação e povoamento do Brasil era através da doação, feita pela Coroa Portuguesa, de sesmarias – tanto no litoral como no interior. No Ceará, em especial, três núcleos de povoamento se destacaram pelo comércio de gado: *Sobral, Aracati e Icó*. Sobre isso, ler *Uma Nova História do Ceará*, coletânea organizada por Simone de Souza, da Universidade Federal do Ceará – UFC.

ou ela entende do que seja História. E essas narrativas são (re) formuladas e pautadas *no e pelo* presente. Essas narrativas abarcam a fragilidade e a fortaleza, ao mesmo tempo.

11

Fragilidade porque já estão longe do fato acontecido, portanto nunca chegam a (re) apresentar como realmente o fato aconteceu. Fortaleza porque, contraditoriamente, é aí que está o ponto mais interessante, pois essas narrativas são ricas em seu ato de confecção, ali na entrevista propriamente dita, e no ato de interpretação (nosso ofício de historiador). Pois, essas entrevistas são nossa massa de modelar. Nessa reflexão, o passado é (re) elaborado diversas vezes – pelo entrevistado, no ato de sua fala - e por nós, profissionais da relação presente-passado, quando nos pomos o desafio de interpretá-las.

Das duas formas, corremos riscos. Estamos como que num deserto sujeitos a pisar em areia movediça a qualquer momento. O que diminui nossa tensão é que, em História, não existe a palavra conforto e sim o termo confronto. Ela é um corpo estranho. Ela é perigosa. Em História existe a palavra possibilidade e/ou abertura. Existe o *devir*.

Portanto, ouvir os alunos, alguns professores e as pessoas nas ruas sobre o que pensam, sentem e entendem de História e das estórias espalhadas em suas cabeças e seus corações, foi, para nós, um exercício de alteridade, de aguçamento de nossa sensibilidade de professores e alunos do curso de História desta universidade. A execução desse projeto nos fez repensar práticas docentes e discentes, nos fez ver além de conceitos e teorias acadêmicas. Nos fez perceber que a História pesquisada, escrita e ensinada nos bancos das Universidades nunca pode se divorciada das histórias ensinadas nas escolas e das histórias que povoam as ruas, as praças, as calçadas, os quartos, as igrejas, os leitos dos rios. Esses dois pólos, quando divorciados, perecem.

## FONTES

**Visuais:** fotografias dos cartazes expostos nas paredes das salas de aula, fruto das aulas de História.

## ENTREVISTAS

- R.E.S. 12 anos de idade. Aluno do 7.º Ano “B”, do Ensino Fundamental II, da Escola Raul Monte de Ensino Fundamental e Educação Infantil. Em Sobral-CE;

- F.B.A. 16 anos de idade. Aluna do 2.º Ano “C” do Ensino Médio do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota. Entrevista feita em Outubro de 2009, na referida escola.

12

- Senhor Eli Félix Rocha, de 88 anos de idade. Aposentado e dono de uma banca que concerta relógios.

## BIBLOGRAFIA

NADAI, Elza. *O Ensino de História e a ‘Pedagogia do Cidadão’*. In: PINSKY, Jaime (Org.). **O Ensino de História e a Criação do Fato**. 11 edição. São Paulo: Contexto, 2004, p. 23-29.

PORTELLI, Alessandro. *O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de Junho de 1944): mito e política, luto e senso comum*. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 103-130.

RIOS, Kênia Sousa. *A vida contada, na escritura da História e em outras letras*. In: RIOS, Kênia Sousa & FURTADO FILHO, João Ernani (Org.). **Em tempo: História, Memória, Educação**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008, p. 185-199.

SEIXAS, Jacy Alves de. *Os tempos da Memória: (dês) continuidade e projeção. Uma reflexão (in) atual para a História?* In: **Revista Projeto História**. Revista do Departamento de Pós-Graduação em História da PUC-SP. São Paulo: Número 24, Junho de 2002, p. 43-63.